

A ANTROPOLOGIA DO RITUAL MORTUÁRIO NO EGITO IMPERIAL

Prof. Cláudio Prado de Mello - LHIA

Introdução

Apesar do título aparentemente pretensioso, a presente conferência, em síntese, pretende apenas aproximar algumas idéias de morte no Egito com algumas definições e teses da Antropologia Social moderna. É evidente que, numa cultura que experimentou o desenvolvimento num espaço de tempo superior a três mil anos, não se poderia falar de uma idéia de morte, mas sim de muitas delas. Dessa forma enfatizaremos tais conceitos para o chamado Período Imperial, que corresponde ao Novo Reino (c. 1552-1069 a.C.)¹, com especial atenção para a esfera privada.

Historicamente, o Egito Imperial testemunha a chamada época dos Reis Conquistadores, que fizeram do Egito uma potência sem paralelos, daí o chamarmos de Período Imperial. O processo expansionista, com uma política externa agressiva, a ampliação das atividades comerciais, bem como a administração centralizada e o forte prestígio dos soberanos, fez com que o país se tornasse rico e poderoso, internamente estável (apesar de épocas de oscilação) e externamente mantivesse a autoimagem de culturalmente superior.

I- Aspectos Gerais - A Morte Antropológica

A morte, além de física, é eminentemente um aspecto sócio-cultural, e sua consciência é uma marca de toda a humanidade. As pessoas morrem, e seus corpos se transformam em objetos inanimados que de formas multi-diversificadas podem ser enterrados, queimados, embalsamados, defumados, desmembrados, cozidos, comidos ou simplesmente abandonados². Entretanto, a idéia de morte em certas culturas, e em especial naquelas que adotam alguma forma de "Religião de Salvação", se torna uma condição transponível e passageira, pois o crente geralmente reluta em acreditar que a morte absoluta ou o aniquilamento possa pôr fim à sua existência e por isso espera ter sua vida prorrogada indefinidamente.

De acordo com Rodrigues, a morte como fenômeno não pode ser considerada simplesmente como um objeto de pesquisa a ser científica-

mente estudado. O que pode ser feito é estudar suas “representações sociais” e portanto tentar avaliar o que ela representa para os vivos³. Falar de morte, portanto, é falar da sua forma exterior e constatar o que os vivos nas suas diferentes culturas pensam e encaram como sendo a morte.

A Arqueologia tem revelado que o fenômeno da mortalidade foi o responsável por algumas das primeiras formas de reunião de artefatos e utensílios em *assemblages* que por questões de melhor preservação do material ósseo e pétreo constitui importante fonte de conhecimento das culturas pré-históricas e/ou não-letradas. Em certas culturas, nada além de cemitérios revelam dados acerca de sua sociedade.

Propriamente, a morte não é um drama unicamente pessoal, mas sim o drama de uma comunidade que súbita ou lentamente vê um membro deixar de desempenhar um papel social definido, e por isso ela se sente enfraquecida. Sem dúvida, um dos aspectos mais marcantes da morte é o impacto emocional que ela causa aos sobreviventes. Além do sentimento de perda do indivíduo, existe a idéia solidária de que o morto não poderá mais gozar dos prazeres que a vida pode proporcionar. A dor, a efervescência social e o luto são ritos específicos delimitados por questões de importância social e representatividade individual do próprio morto. *Sine ira et studio*, isto equivale a afirmar que o grau de dor, a intensidade do desespero e o período de consternação dependem não somente do grau de afetividade, mas da qualificação social do morto. Nesse sentido, cabe ressaltar que a morte do adulto era mais sentida do que a da criança, graças à maior participação na comunidade.

Na Antropologia Social, o tema da morte tem ido e vindo. A partir dos anos 60, grande quantidade de importantes estudos sobre a mortalidade têm sido publicados, entre eles, Van Gennep (1969) no seu *Os Ritos de Passagem* formula a tese de que todos os rituais envolvendo a passagem de um estado a outro comungam de uma estrutura única tripartida, definida pela função necessária de separação de um estado e a incorporação em um outro, com um período intermediário. Assim, os ritos funerários abarcam três outros ritos: o de separação, o de margem e o de agregação⁴. Separação do morto com o seu meio social e do meio social com o indivíduo morto, margem dos sobreviventes para com o morto e vice-versa, e agregação do morto no mundo dos mortos e a reintegração dos parentes do morto com a sociedade em geral.

Por sua vez, segundo Hertz, a morte não é unicamente o fim de uma existência corpórea; ela causa uma ruptura que põe em perigo a

vida social de um núcleo, pois no caso de um adulto ela interfere na continuidade física que tinha papel definido e atuava de alguma forma numa comunidade.

Em síntese, de acordo com Rodrigues, podemos afirmar que “*Van Gennep e Hertz demonstram que a morte é para a consciência coletiva um afastamento entre o indivíduo e a convivência humana. Todavia, esta separação tem um caráter temporário e pretende fazer com que o morto passe da sociedade palpável dos vivos à sociedade invisível dos ancestrais. Como fenômeno social, a morte e os ritos a ela associados consistem na realização do penoso trabalho de desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro. Tal trabalho exige todo esforço de desestruturação das categorias mentais e dos padrões de relacionamento social. O enterro, bem como as outras maneiras de lidar com o corpo morto, é um meio de a comunidade assegurar a seus membros que o indivíduo falecido caminha na direção de seu lugar determinado, devidamente sob controle. Através de tais práticas, o grupo recebe mensagens que envolvem da insegurança ao sentimento de ordem e representam a maneira especial que cada grupo humano tem de resolver um problema fundamental: é necessário que o morto parta*”⁵.

Assim, em termos conclusivos podemos concordar que: “*os ritos da morte comunicam, assimilam e expulsam o impacto que provoca o fantasma do aniquilamento. Os funerais são ao mesmo tempo, em todas as sociedades, ... uma crise, um drama e sua solução: em geral uma transição do desespero e da angústia ao consolo e à esperança*”⁶.

II – A Morte e os Rituais Mortuários no Egito Imperial

Em conseqüência de suas peculiares práticas mortuárias e dos arranjos elaborados que os egípcios faziam para suas múmias e suas tumbas, pode ser imaginando que eram um povo mórbido e obcecado pela morte. Em verdade, sua grande ênfase nos assuntos mortuários era decorrente do fortíssimo apego à vida e do seu apaixonado desejo de continuar a viver, mesmo após a morte. A partir da observação de seu ambiente natural, o homem do Egito era altamente consciente da vida e da morte. As distinções entre o vale fértil do Nilo e os desertos marginais estéreis o conduziram a conectar a vida à prolicidade das terras férteis e a morte à esterilidade absoluta dos desertos, onde, por motivos econômicos óbvios, os mortos eram enterrados.

No Egito, a morte era uma abstração de caráter masculino, considerada como sendo eminentemente poderosa e insensível. Em termos gerais, nesta época, existiam duas maneiras principais de se encarar a morte: uma primeira postura seria aquela que veria a morte como um ser cruel e insensível, e por isso a temia; uma segunda, tal como aconselhada pelos sábios, responderia com altivez e dignidade ao mensageiro e deliberador da morte. Certo trecho da Instrução Sapiencial de Ani, da XVIII Dinastia, nos revela ambas posturas, como segue:

*“Não saia de sua casa, sem conhecer seu lugar de descanso. Permita seu lugar escolhido ser conhecido, lembre-se dele e o conheça. Estabeleça isso para ti como um negócio, se você é correto, você descobrirá isso. Embeleze teu lugar que está no vale, a tumba que ocultará teu corpo; estabeleça isso para ti como um negócio, uma coisa que importa aos seus olhos. Como importou àqueles grandes, que estão descansando dentro de suas tumbas. Nenhuma culpa advém para aquele que faz isto, é justo que você esteja pronto também. Quando sua morte vem para buscá-lo, ela encontrará você pronto para ir para seu lugar de descanso e dizendo: ‘Aqui está alguém preparado para você’. Não diga: ‘Eu sou jovem para ser levado’, pois você não conhece sua morte. Quando a morte vem, ela rouba a criança que está no braço de sua mãe, bem como aquele que chegou a idade avançada”*⁷.

Uma outra peculiaridade em relação à morte era a sua mais clara negação. Apesar de sua consciência definida acerca da vida e da morte, ocasionalmente se poderia explicitar a mais evidente recusa em acreditar e admitir que o morto morreria de fato.

Nesse sentido, igualmente cabe acrescentar que ao se referir à morte, usualmente o egípcio poderia dizer que se tratava de algo bom, “um destino aprazível” como diriam alguns. Contudo, a partir do estudo da língua egípcia, podemos inferir que esta aparente serenidade era de fato um tratamento eufêmico que amenizaria a temerosa situação – o medo da morte. Não somente em relação à morte, mas também em relação aos objetos e lugares que mais os tornavam ansiosos, eram tratados da mesma forma. Assim verificamos que: 1) o sarcófago era chamado de *nb -^C nh* (neb-ankh), “o senhor da vida”; 2) o morto poderia ser tratado como *im3hy* (imakhy) – “o honorável”; 3) o morto bem-aventurado

era chamado de $m3^c$ - hrw (maa-kheru) - “o Justificado” (perante o Deus), “o Triunfante”; 5) o ato de morrer era referido como $hp n k3.f$ (Khep en Ka.f) - “ir para o o seu Ka”; 6) a tumba, entre outras formas era chamada de $pr n hrt-ntr$ (per en heret-netjer) - “a casa da terra sagrada; 7) a necrópole, entre outras era chamada de “o belo Oeste” ou como $t3-dsr$ (ta-djser) - “a terra-sagrada”.

Até hoje, a maior parte do conhecimento avaliável acerca dos rituais mortuários provém de fontes iconográficas e, em menor escala, dos textos. Os $prt-hrw$ (peret-en-heru) - “Os Capítulos de Sair à Luz do Dia” ou “O Livro dos Mortos” são reveladores no tocante à moralidade, à magia ou à devoção religiosa da época, mas não esclarecem detalhes acerca da “mecânica” dos ritos mortuários. A documentação escrita nativa não é abundante em relação à dinâmica dos ritos, mas por sua vez, a versão ritual deles (ou de parte deles) pode ser verificada em muitas tumbas. Um importante texto, da XVIII Dinastia, registrado numa estela proveniente da TT 82, do Escriba, Contador do grão de Amon e Administrador do Vizir de Tutmes III, Amenemhat, nos diz:

“Um bom funeral chega em paz, seus setenta dias tendo sido completados no teu local de embalsamento. Tu estás colocado sobre o esquife ... e és conduzido por novilhos. A estrada é aberta (i.e. purificada) com leite, até você alcançar a porta da tua tumba. As crianças das tuas crianças, unidas como um acordo choram com os corações amantes. Sua boca é aberta pelo Khery-heb (Sacerdote-Leitor) e tua purificação é feita pelo Sacerdote-Sem. Horus ajusta para você tua boca e abre para ti. Teus olhos e orelhas, tua carne e teus ossos estando completos em tudo que concerne a ti. É feita para ti uma Hetep-di-nesw (Uma oferta que o Rei Concede), teu próprio e verdadeiro coração estando com você, seu coração da sua existência terrena, você tendo chegado à sua forma original, como no dia que você nasceu. É trazido até você o Sa-meref (o filho amado dele), os cortejadores fazem homenagens e você entra na terra dada pelo Rei, no sepulcro do Oeste. São performados ritos para ti, como aqueles dos ancestrais, o Muu vem a ti em jubilação”⁸.

Dentro do que consideramos como o “Ritual da Morte” no Egito Imperial podemos discernir os seguintes rituais:

- 1) Atitude perante a morte;
 - 2) Ritual de Embalsamento;
 - 3) Rituais Inumatórios (incluindo a procissão funerária) e
 - 4) Rituais específicos de revitalização (Ritual de Abertura da Boca).
- No momento, somente a procissão funerária será considerada. São praticamente inumeráveis os papiros e a documentação iconográfica tumular do Egito Imperial que nos revelam a seqüência de acontecimentos nas procissões funerárias.

A partir daquilo em que podemos acreditar, durante os setenta dias de preparação da múmia do morto, os últimos retoques eram feitos nas tumbas, que por um motivo ou outro, nunca eram completamente terminadas. Todos os acertos eram feitos com o atelier de embalsamento que poderia (ou não) estar vinculado a outros ateliers, como aqueles que forneceriam os objetos estritamente fúnebres (caixas sepulcrais e outros). Neste período, possivelmente, eram feitos os acertos com as turmas de carpideiras e também os Muu. Tão logo tudo estivesse pronto e acertado, o funeral era comunicado aos familiares e amigos. Após os setenta dias que eram utilizados no processo de embalsamento, o corpo mumificado era entregue à família que o levaria para casa, protegido então por um ataúde ou mais, segundo as posses da família. No dia certo, o cortejo usualmente partia da casa do morto e vagarosamente ia sendo formada a procissão, que se dirigia à necrópole na margem ocidental do rio. De outra forma, todos os preparativos eram feitos e só se apanharia a múmia durante o cortejo funerário, já a caminho da necrópole. Dado momento a procissão era notável, pois carpideiras e carpideiros, vestidos de roupas azul-cinza (tal como o céu a chover) lamentavam-se aos prantos, gritando histericamente, ora se sujando de lama ou poeira, ora rasgando suas roupas. As mulheres desnudavam seus seios e todos – homens e mulheres – batiam em suas próprias cabeças demonstrando pesar e inconformismo. Alguns ficticiamente poderiam desmaiar e eram socorridos por seus companheiros.

A partir das pinturas das tumbas-capelas do Egito Imperial, em Tebas, observamos que não havia uma ordem muito precisa nas posições das pessoas. No entanto, muitas vezes, em primeiro lugar vinham as carpideiras (algumas vezes misturadas aos carpideiros) e alguns familiares. Posteriormente se juntavam os portadores das oferendas que transportavam vitualhas como pães, patos, carne, vegetais e hortaliças, água, cerveja, vinho, bolos, potes de queijo, e também flores e potes de óleos

e unguentos. Estes eram seguidos por portadores que carregavam caixas com o equipamento e os objetos pessoais do morto, como o mobiliário (cama, cadeiras, bancos etc), caixas com roupas, caixas de estatuetas Shabtis e caixas contendo seu instrumental de trabalho. Neste estágio, em algumas cenas murais, são representados os acompanhantes e os chamados Nove Amigos. A categoria de acompanhante, além de reunir parentes, também poderia incluir um grupo de dignitários. Já a dos Nove Amigos ou Nove Semer representava um destacamento de oficiais. De fato, Semer era originariamente um título de Corte que designava um “amigo (do Rei)”, mais tarde passou a designar um funcionário real que eventualmente poderia substituir o Sacerdote Sem no Ritual de Abertura da Boca.

Em algumas cenas murais, um objeto de forma incomum sobre um trenó e puxado, chamado *tknw* (*tekenu*), é representado nas procissões. Tal como referido nos textos das legendas das imagens, o *tekenu* era representado como uma pele de animal em forma de um homem em posição fetal, um homem contraído envolvido por uma pele de animal ou mesmo um homem (sem estar coberto por uma pele) deitado sobre um trenó. Acreditamos que o *tekenu* estava associado aos sepultamentos Pré-Dinásticos, quando os mortos tinham seus corpos envolvidos por uma pele de animal ou esteira. Segundo Moret, o simbolismo do *tekenu* estava conectado aos rituais de nascimento e renascimento, e sua forma de pera era análoga à do ser humano, tal como no útero materno, pronto a nascer⁹. A partir de alguns documentos analisados podemos supor que aparentemente a imagem de *tekenu* estava relacionada a um rio encenado de ressurreição. Talvez tratar-se-ia de um ator que envolvido por uma pele de animal simbolicamente relacionado aos sepultamentos primitivos, em determinado momento se libertasse do invólucro e “renascesse”, de fato uma encenação representando a passagem da morte para a vida.

Neste estágio, usualmente era representado nas procissões o transporte do catafalco e do cofre canópico. Esta seqüência geralmente era iniciada por um Khery-Heb que recitava as glorificações ao morto. Após este, seguia o que chamamos de as “Almas de Pe e Nekhen”. As Almas, ou o Povo Pe e Nekhen representavam a individualidade espiritual dos Reis ancestrais das antigas capitais do Egito Pré-Dinástico: Pe (Buto) no Baixo Egito e Nekhen (Hierakômpólis) no Alto Egito. De acordo com Spencer, “*a presença destes indivíduos nas procissões funerárias era provavelmente um completo mistério para os egípcios do Novo Reino; eles*

simplesmente continuavam com a tradição sem entender seu conteúdo”¹⁰. Após estes, seguia o Sacerdote-Sem, representado de forma solene, que vinha na frente do catafalco. Perante ele um Khery-Heb pode ser distinguido dos outros sacerdotes, pois ele é mostrado incensando o féretro ou respingando e purificando o chão por onde o morto iria passar, com leite e/ou água. Como é mostrado nas coloridas cenas tumulares, o ataúde do morto era colocado em um catafalco elaborado em forma de capela (similar ao Santuário do Alto Egito) profusamente ornamentado, montado sobre um barco que era montado sobre um trenó. Nos extremos desse barco, na proa e na popa, eram representadas duas mulheres ou estátuas de mulheres, chamadas Djeret's, que representavam Isis e Neftis, nos pés e na cabeça, respectivamente. Seguindo o féretro, usualmente a família, em inconsolável desespero, e os amigos do morto, entre eles oficiais que poderiam ou não formar grupos.

A procissão seguia vagarosamente até chegar às margens do Nilo; lá chegando embarcariam em barcos ou botes, agrupados segundo seu papel no cortejo fúnebre, i.e., as carpideiras ocupavam um barco, os carpideiros outro, os portadores das oferendas outro, amigos e sacerdotes um outro – contudo, algumas vezes poderiam ser misturados. O total de barcos e botes poderia variar em número, de acordo com o tamanho do cortejo e as posses da família, usualmente de três a seis eram suficientes. A travessia fluvial era primordialmente prática e necessária, no entanto estava simbolicamente associada à jornada fluvial dos Reis ancestrais às principais cidades centros de culto, tanto no Alto, como no Baixo Egito. De fato, os funerais constituíam um curioso espetáculo e as pessoas comumente se aproximavam para observar o cortejo. Após ter atravessado o rio, gradualmente o cortejo era desembarcado na margem ocidental de Tebas e as pessoas iam se reposicionando, e então era reiniciada a procissão em direção à necrópole. Após atravessarem os campos cultivados, eles alcançariam a margem dos desertos e começavam a subir a montanha, onde se situava a necrópole. Próximo à entrada da necrópole, ou mesmo próximo à tumba, se juntavam os dançarinos Muu, que durante os últimos ritos, performariam uma movimentada dança, agitando suas cabeças com um toucado aproximadamente cônico feito de juncos.

Ao chegar à porta da tumba, as pessoas se posicionavam. O ataúde do morto era tirado do catafalco e colocado em pé na porta da tumba. Os últimos detalhes eram organizados, e então eram iniciados os ritos funerários propriamente ditos. O mais importante deles era o Ritual de Aber-

tura da Boca (RAB) que imaginava-se poder restaurar as faculdades vitais do corpo embalsamado. Neste, um expressivo contingente de Sacerdotes Fúnebres e os chamados 'Artistas' tomavam parte¹¹. O Sacerdote-Sem, armado de um enxó mágico, abria simbolicamente a boca do morto e restauraria os outros sentidos como a visão, o olfato e a audição. O Sacerdote repetiria seus atos também na estátua do morto, que encontrarse-ia ao lado ou próximo à múmia. Todos os cuidados eram dispensados à Estátua-Ka do morto, pois caso o corpo físico embalsamado fenecesse, a estátua-Ka serviria como suporte material à sua contraparte incorpórea. Como parte do Rab, num local próximo à tumba, teoricamente, um ou dois bois (ou bezerros), que tinham puxado um dos diversos trenós, eram sacrificados e suas patas dianteiras eram oferecidas ao morto; sendo o boi um símbolo de vigorosidade e virilidade, provavelmente este sacrifício e a conseqüente oferta ritual ao morto tinham como objetivo restituir a força e a potência sexual da múmia.

Dado momento era feito silêncio, todos se emudeciam e em cena entrava o Khery-Heb – o Sacerdote-Leitor – que recitaria as glorificações, enquanto que os Hem-Ka – Sacerdotes Servidores do Ka – realizavam os rituais secundários, como untar a múmia (ou ataúde antropóide) com os sete óleos sagrados, fazer libações de leite e água em vários pontos da entrada da tumba e queimar o incenso. É possível que neste momento a esposa do morto se jogasse aos pés da múmia, em inconsolável desespero, sensibilizando os observadores. Ao final, se a múmia tivesse sido retirada de seu ataúde, ela seria novamente acondicionada e levada para o interior da tumba, onde seria cuidadosamente colocada no seu ataúde retangular de madeira ou sarcófago de pedra. O equipamento funerário, se já não tivesse sido guardado na tumba, agora era acondicionado. Era feito em um lugar mais ou menos próximo à tumba um buraco pouco profundo, onde seriam enterrados os materiais utilizados no processo de mumificação e nos rituais funerários, que por serem considerados impuros, não poderiam ser enterrados na tumba junto com o morto. Feito isso, eram recitadas as últimas orações e então os sacerdotes finalizavam seus atos. A tumba era então selada, os homens jogavam pedras, cascalho, areia e entulho, e tendo preenchido os poços, o vão era rebocado e nele impressos os selos da necrópole. Teoricamente o morto, em sua unidade tumular, lá permaneceria por toda a eternidade.

Em local próximo à tumba ou à necrópole, os familiares e os convidados se acomodavam e então era organizado o “banquete funerário”, onde todos comeriam e beberiam em memória à pessoa morta; ao morto

era reservada uma cadeira que permanecería vazia, e que era assim representada em algumas cenas murais. Algumas vezes são encontrados pequenos poços como depósitos de vasos ou pacotes contendo restos de banquetes, como ossos de animais, e utensílios como pratos, copos e vasos, quase invariavelmente quebrados. Em um local relativamente próximo à tumba do Rei Tutankhamon, foi encontrado um depósito deste tipo reunindo vasos cerâmicos contendo ossos de carneiro ou cabra, vaca, quatro gansos e nove patos, além de pratos cerâmicos, vasos de vinho e oito vasos de água e oito copos, a maior parte deste conteúdo fora quebrada intencionalmente e colocada dentro de grandes vasos. Adicionalmente, alguns colares florais e duas vassouras foram encontrados. A julgar pelo número de copos e jarros de água, calcula-se que somente cerca de oito pessoas participaram deste seieto banquete. As duas vassouras encontradas provavelmente foram utilizadas para varrer as pegadas dos sacerdotes e de outros feitas no chão da tumba, antes de selá-la definitivamente.

O funeral acima descrito representa aquele que seria realizado para um indivíduo abastado; para outros menos abastados eram realizados cortejos mais simples. Existiam igualmente túmulos familiares, onde os parentes poderiam ser enterrados por várias gerações.

Conclusão

Para terminar, concluímos que *“o egípcio confrontado com a morte buscou o melhor caminho plausível em que ele poderia se tornar imortal. Usando práticas mágicas como ele tinha usado em vida sobre a terra, ele continuou a usurpar poderes divinos empregando fórmula verbais mágicas. Obviamente, alguém deve se poupar contra o erro de considerar que a magia verbal era a base das crenças funerárias egípcias: em verdade esta era não mais que um modo de aproximação, exatamente como o ritual”*¹².

Como visto anteriormente, tal como proposto por Van Gennep (1969), todos os rituais envolvendo a passagem de um estado a outro comungam de uma estrutura única tripartida. No caso acima considerado, sua tese se revela extremamente iluminadora, como segue:

1. Separação

1.1. Separação do morto com o meio: o corpo do morto é levado para o atelier de embalsamento, onde será mumificado. A preservação do corpo físico putrescível é um requisito fundamental para a sobrevivência de suas partes incorpóreas.

1.2. Separação do meio social com o morto: os parentes e amigos, através de atitudes dramáticas de consternação, mostravam à comunidade e ao próprio morto (Ba) que ele morrera e que não mais está entre os vivos.

2. Margem

2.1. Margem do morto com os vivos: o morto durante os setenta dias utilizados no embalsamento é transformado numa múmia; de fato o Ritual de Embalsamento, além dos procedimentos técnicos, era um texto de natureza mágica que pretendia transformar o corpo físico num fetiche de um encantamento, apto a se tornar imortal.

2.2. Margem dos vivos com os mortos: a família, através de atos variados de consternação, mostra à comunidade e ao morto que sua morte está sendo sentida. Os últimos arranjos eram feitos e, quando chegava o dia do enterro, era realizada uma procissão que tinha como ponto máximo a sua revitalização através do RAB e o seu conseqüente despacho para o Além. O Livro dos Mortos lhe mostra os procedimentos e os caminhos e ele tem tudo para se tornar um bem-aventurado.

3. Agregação

3.1. Agregação do morto no Além: após o enterro, e de posse dos instrumentos mágicos adequados, como os amuletos e o Livro dos Mortos, ele é julgado e se transforma numa alma imortal. A partir daí viverá no Paraíso de Osiris ou fará parte do Séquito de Ra, ou ambos.

3.2. Agregação dos parentes com o meio social: após o enterro, do qual todo o meio participa – pois de fato é um espetáculo – é feito um banquete funerário e a ausência do morto é constatada por uma cadeira vazia. Depois disto todos os objetos utilizados neste banquete são ritualmente quebrados e enterrados num local próximo à tumba.

Utilizando as palavras de Ariès, concluímos que: *“a morte, tal como a vida, não é um ato apenas individual. Por esta razão, à semelhança de cada grande passagem da vida, ela é celebrada por uma cerimônia mais ou menos solene, que tem por finalidade marcar a solidariedade do indivíduo com sua linguagem e sua comunidade... A ritualização da morte é um caso particular da estratégia global do homem contra a natureza, feita de interdições e concessões. Por isso, a morte não foi abandonada a si mesma e à sua desmedida, mas, ao contrário aprisionada dentro de suas cerimônias e transformada em espetáculo. Também por esse motivo,*

não podia ser uma aventura solitária, porém um fenômeno público, comprometendo toda a comunidade”¹⁴.

Notas

¹ Cf. TRIGGER, B. G. et al. *Ancient Egypt – A Social History*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990, p. 1984.

² HUNTINGTON, R e METCALF, P. *Celebrations of Death – The Anthropology of Mortuary Ritual*, Cambridge, Cambridge University Press, 1985, p. 1.

³ Cf. RODRIGUES, J.C. *Tabu da Morte*, Rio de Janeiro, Achiamé, 1983, p.11-2.

⁴ Cf. VAN GENNEP, A. *Os Ritos de Passagem*, Coleção Antropologia 11. Petrópolis, Editora Vozes, 1978, p. 126-40.

⁵ Cf. RODRIGUES, J.C. Op.Cit. p.45.

⁶ Idem. p. 21.

⁷ Cf. LICHTHEIM, M. *Ancient Egyptian Literature – A Book of Readings*, Vol II: The New Kingdom, Berkeley, University of California Press, 1976, p. 138.

⁸ Cf. PIANKOFF, A. e RAMBOVA, N. (Ed.) *The Shrines of Tut-nkh-Amon*, Bolingen Series XL.2. Princeton Princeton University Press, 1977, p. 17-8.

⁹ Cf. MORET, A. *Mystères Égyptiens*, Paris, Librairie Armand Colin, 1927, p. 45.

¹⁰ Cf. SPENCER, A.J. *Death in Ancient Egypt*, Harmondsworth, Penguin Books, 1986, p. 162.

¹¹ Cf. GOYON, J-C. *Rituels Funéraires de L’Ancienne Égypte*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1972, p. 85-182.

¹² Cf. MORENZ, S. *Egyptian Religion*. Trad. Ann E. Keep, Ithaca, Cornell University Press, 1978, p. 230-1.

¹³ Cf. VAN GENNEP, Op.cit. p.p. 126.

¹⁴ Cf. ARIÈS, P. *O Homem diante da Morte*, Vol II, Trad. Luiza Ribeiro, Rio de Janeiro. Francisco Alves Editora, 1982, p. 658-9.